

Imagem: Walter Groesel/Scx.hu



Estudo investiga a saúde dos brasileiros

Maior pesquisa
epidemiológica da
América Latina, o ELSA

acompanhará 15 mil voluntários durante 20 anos para estudar
fatores determinantes de doenças crônicas

Paula Ferreira

Começou neste segundo semestre de 2008 a primeira rodada de exames da maior pesquisa sobre os fatores determinantes do diabetes e de doenças cardiovasculares já feita na América Latina. O Estudo Longitudinal de Saúde do Adulto – ELSA Brasil – será feito simultaneamente por sete instituições com uma amostra grande de pessoas – cerca de 15 mil voluntários entre 35 e 74 anos, que serão acompanhados durante pelo menos duas décadas. No jargão epidemiológico, esse grupo é chamado de coorte. A empreitada é uma iniciativa do

Ministério da Saúde, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, e do Ministério da Ciência e Tecnologia, por meio da FINEP. “O ELSA propiciará um conhecimento inédito abaixo da linha do Equador. O estudo terá um impacto importante com seus primeiros resultados, mas desde já representa um marco na organização de projeto comum com vários pesquisadores, pois ao invés de pulverizar recursos, o ELSA os canaliza e amplifica”, diz Paulo Lotufo, coordenador geral do ELSA e da etapa paulista do estudo.

As doenças do aparelho circulatório são a primeira causa de morte no Brasil, segundo o Ministério da Saúde. O SUS – Sistema Único de Saúde – registra 1,150 milhão, de

internações por ano causadas por elas, que têm como principais fatores de risco a hipertensão arterial e o diabetes mellitus. O gasto anual com essas internações é de aproximadamente R\$ 475 milhões, sem incluir gastos com procedimentos de alta complexidade. Cerca de 35% da população acima dos 40 anos no Brasil sofre de hipertensão arterial – em torno de 12 milhões de pessoas. Na mesma faixa etária, 11% sofrem de diabetes – 4 milhões de pessoas. Só em 2007, o Governo gastou R\$ 209 milhões na compra de medicamentos para esses dois males. “As doenças crônicas são a principal causa de mortalidade no Rio de Janeiro e em São Paulo desde os anos 1940.

Foto: João Luiz Ribeiro-FINEP



“Com essa pesquisa, o Brasil está entrando no mapa da epidemiologia.”

Reinaldo Guimarães,
Secretário de Ciência,
Tecnologia e Insumos
Estratégicos do Ministério
da Saúde

No País como um todo, desde os anos 1960”, informa Lotufo. A situação mundial não é muito diferente. Mudanças no estilo de vida trazidas pela urbanização, sedentarismo, tabagismo, alimentação inadequada e aumento da expectativa de vida geram um quadro parecido em diversos outros países. “As doenças cardiovasculares são as maiores causas de mortalidade no mundo desenvolvido, principalmente após os 40 anos de idade”, explica Dora Chor, coordenadora do ELSA Rio de Janeiro.

O ELSA será desenvolvido por um consórcio de seis centros nas regiões Nordeste, Sul e Sudeste: Fundação Oswaldo Cruz (Rio de Janeiro), Universidade de São Paulo (USP), e as universidades federais da Bahia (UFBA), Espírito Santo (Ufes), Minas Gerais (UFMG) e Rio Grande do Sul (UFRGS). Como o ELSA utiliza um protocolo único, não haverá diferenças entre os procedimentos dos centros.

Serão investidos inicialmente R\$ 22,6 milhões, sendo metade do Fundo Nacional de Saúde (FNS) e a outra parte do Fundo Setorial CT-Saúde. “A importância do apoio dos ministérios por meio da FINEP é vital e reflete a maturidade

do nosso País em relação à pesquisa epidemiológica de caráter populacional. Um estudo desse porte não poderia ter tido outro tipo de financiamento. Pesquisas semelhantes em outros países também contam geralmente com financiamento feito por entidades governamentais, como o Medical Research Council, na Inglaterra, e o National Institutes of Health (NIH), nos Estados Unidos”, diz Moyses Szklo, consultor internacional e coordenador do comitê de publicações do ELSA. O epidemiologista Szklo é editor-chefe do American Journal of Epidemiology, professor da UFRJ e da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, e já foi *chairman* dos comitês de publicações de dois estudos semelhantes.

Cruzando fronteiras

Segundo Szklo, o ELSA é comparável aos melhores estudos epidemiológicos que se fazem em países desenvolvidos. “É um estudo inédito na América Latina, está sendo liderado por investigadores de categoria internacional e inclui exames tão sofisticados quanto os estudos feitos nos Estados Unidos”, afirma Szklo. “O Brasil está entrando no





Instalações
para exames
do Elsa Rio

mapa da epidemiologia”, diz Reinaldo Guimarães, titular da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde. Reinaldo lembra que o líder do ELSA Bahia, Maurício Barreto, teve um trabalho destacado como um dos 12 artigos mais importantes no campo da saúde publicados em 2007 pela revista Lancet, uma das mais importantes publicações científicas na área médica, editada no Reino Unido. Reinaldo cita ainda a recente eleição do brasileiro Cesar Victora como presidente da Associação Internacional de Epidemiologia, durante o XVIII Congresso Mundial de Epidemiologia, maior evento já realizado no mundo na área, ocorrido em Porto Alegre.

“Esse estudo de longo prazo sobre a saúde da população brasileira é um marco na epidemiologia nacional. Com seu desenvolvimento teremos informações que possibilitarão um maior acerto nas decisões quanto a políticas públicas na área de saúde”, diz Maurício França, chefe do Departamento de Tecnologias Sociais 1 da FINEP. E o ELSA pretende se tornar referência para a formulação de políticas não só no Brasil, mas também em outros países

semelhantes. “Todas as pesquisas tidas como referência na área são do hemisfério norte, por isso é importante ter um estudo voltado para a realidade brasileira, que é diferente em termos étnicos, alimentares e sociais”, diz Reinaldo. Segundo Dora, o tipo de informação que será coletada no Centro de Pesquisa ELSA “será de grande importância para acrescentar conhecimento mais específico a respeito de outro tipo de estrutura social, política e econômica”.

Voluntários

Os voluntários estão sendo selecionados entre o corpo funcional das instituições envolvidas. “A escolha dos funcionários públicos garante uma base de voluntários mais sólida, devido à maior estabilidade do emprego até a aposentadoria, assegurando a realização de estudos com boas taxas de participação. Nesse tipo de pesquisa, tenta-se evitar ao máximo a perda de contato com o participante ao longo do tempo”, explica Dora. Após os exames iniciais, será feito contato telefônico uma vez por ano e retorno para novos exames a cada três anos.





*Dora Chor
chama atenção
para o perigo
das doenças
cardiovasculares
no Brasil*

Serão avaliadas variáveis que vão desde o acesso a frutas e verduras até marcadores bioquímicos, além de condições sociais e gênero.

Os motivos que estimulam os voluntários a participar são variados. Maria de Fátima do Nascimento Toledo, 50 anos, trabalha há 11 no Hospital Universitário da USP e hoje está lotada no almoxarifado. Ela resolveu aproveitar a oportunidade para ajudar os outros se ajudando ao mesmo tempo. "Decidi participar para contribuir com as novas gerações e também pelo *check up* gratuito". Fátima já fez uma rodada de exames, no final de setembro, e considerou os procedimentos da equipe perfeitos. "Foi como um dia de noiva para mim! Todos foram muito carinhosos e cuidadosos, e tudo muito limpo e correto".

Maria Teresa Mota Pereira, 45 anos, é funcionária do mesmo hospital há seis anos. Faz parte do grupo de risco, porque seu pai é diabético e hipertenso, e é adepta da prevenção. "A gente tem mais é que procurar saber se tem problema e pegar no início, é muito mais fácil tratar assim, e esta é uma ótima oportunidade". Teresa também elogiou

os procedimentos. "Em caso de qualquer alteração nos resultados, eles mesmos encaminham o voluntário para tratamento. Em nenhum momento fiz qualquer exame sem me explicarem o que estava acontecendo". A seriedade e o padrão de qualidade foram um dos atrativos para Nildimar Alves, 38 anos, pesquisadora da Fiocruz, no Rio de Janeiro, desde 2006. "O comunicado sobre a pesquisa foi bastante detalhado, claro e objetivo, então me senti muito segura", conta. Seu colega Juremi de Oliveira Carvalho, 59 anos, pesquisador da Fiocruz há 19 anos, achou que ficaria de fora por estar com a saúde em dia. Como já teve problemas de colesterol e glicose, além de um câncer, mudou seu estilo de vida e conseguiu normalizar seus exames cuidando da alimentação e abandonando o sedentarismo. "Mas a equipe do ELSA me falou que os quadros regressivos como o meu também são interessantes para acompanhamento", conta.

Os interessados em se tornar voluntários podem se inscrever até 2010. Mais informações estão disponíveis no site do projeto: www.elsa.org.br. ■

